



INFORMATIVO

O TUIUTI



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

520 anos do Descobrimento do Brasil – 440 anos da União das Coroas Ibéricas – 270 anos do Tratado de Madri – 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II – 150 anos do final da Guerra do Paraguai – 90 anos da Revolução de 1930 – 75 anos da vitória da FEB na Itália
ANO 2020 **Março** **Nº 342**

O major injustiçado, Marlborough e o *bulldog* que venceu a Segunda Guerra

- Armando Alexandre dos Santos -

Licenciado em História e em Filosofia, doutor na área de Filosofia e Letras, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Portuguesa da História.

Muitas vezes a grande imprensa brasileira, distanciada das realidades mais profundas, publica coisas sem importância e não publica - ou pelo menos não o faz com o devido destaque - notícias que realmente importam.

Os 75 anos completados da tomada de Monte Castelo, pelos pracinhas brasileiros da FEB, mereceriam ter sido focalizados muito mais intensamente do que o foram, pela grande mídia. Transcrevo, a propósito, uma carta publicada na seção de correspondência dos leitores, pelo jornal “O Estado de S. Paulo” de 25/2/2020:

“VALOR VERDADEIRO - Há 75 anos um jovem brasileiro, então com 27 anos de idade, o tenente Apollo Miguel Rezk, liderou uma companhia de Infantaria do Exército Brasileiro, formada de jovens como ele, na tomada de Monte Castelo, na Província de Bologna, na Itália, após duas tentativas frustradas, contra os soldados alemães do 10º. e do 14º. Exércitos e da 1ª. Divisão de Forças Especiais de Montanha. E também contra todas as previsões e a opinião do general Lucien Truscott, comandante do 5º. Exército dos EUA. Meses depois, em 19 de maio, também liderou seus homens na tomada de La Serra, em

apoio aos norte-americanos. Por ambas as ações foi condecorado pelo 5º. Exército: com a Silver Cross em Monte Castelo e, pelas ações em La Serra, com a Distinguished Service Cross, a mais importante medalha por bravura concedida pelos EUA. Em seu sepultamento, em 1999, um oficial da Marinha americana designado especialmente para a ocasião, ao saber que o major Apollo nunca recebera promoção por bravura, disse à filha do ex-combatente: ‘Não compreendo vocês, brasileiros. No meu país, alguém com as importantes condecorações recebidas pelo major Apollo mereceria, ao longo de toda a sua vida, as homenagens, o respeito, a gratidão de nosso povo’. O povo americano jamais abandona os seus. E cultiva seus heróis para sempre. São lembrados, eternizados e homenageados nas escolas, em livros, monumentos, edifícios públicos e privados, filmes, na mídia, nas redes sociais. São os verdadeiros *influencers* eternos das antigas e novas gerações. Aqui condecoramos falsos heróis com medalhas cujos questionável merecimento e motivação expiram mediante a outorga. Nossos verdadeiros heróis são frequentemente esquecidos e seus feitos, ignorados. LUIZ ERNESTO R. GOZZOLI (luizgozzoli77@gmail.com – Santos-SP)”.

Quis transcrever na íntegra, incluindo o e-mail do autor dessa belíssima carta, para que os leitores possam, se desejarem, entrar em contato com ele e o cumprimentarem. Ele merece. O pressuposto de seu pensamento é profundamente verdadeiro: louvar e reverenciar o mérito de um herói não constitui apenas um ato de justiça em relação a ele, mas constitui, sobretudo, um estímulo para todos aqueles que se beneficiarão com o seu exemplo.

Essa era a “filosofia” que estava por trás dos antigos títulos de nobreza hereditários. Não se tratava, como alegava a propaganda republicana, de premiar injustamente um mérito não pessoal, mas meramente herdado. Na verdade, tratava-se de estimular os próprios descendentes do primeiro titular a se portarem à altura do ilustre antepassado - e isso, a serviço do bem comum e, portanto, de toda a nação, entendida não apenas num tempo específico, mas projetada através das sucessivas gerações.

Winston Churchill, além de estadista notabilíssimo e orador de invulgar talento, foi também escritor e jornalista muito prolífico, autor de mais de 40 livros e de milhares de artigos publicados em jornais ou revistas. Por seus escritos, alcançou imenso sucesso e ganhou muito dinheiro. Chegou a receber, em 1953, o Prêmio Nobel da Literatura.

Dos seus grandes livros, somente um não constituiu sucesso editorial: “*Malborough: sua vida e seu tempo*”, obra em quatro volumes que publicou sobre John Churchill, primeiro Duque de Marlborough (1650-1722), que se havia destacado na Guerra dos Nove Anos (1688-1697) e na Guerra da Sucessão Espanhola (1701-1714) e constituía um verdadeiro ícone da Royal Army.

Winston Churchill sabia, desde o início, que se tratava de um livro técnico, que atrairia poucos leitores. Mas fez questão de escrevê-lo e publicá-lo. Por quê? Porque ter continuamente diante dos olhos a lembrança do que tinha sido e do que tinha feito seu remoto antepassado constituía, para ele, um estímulo constante. É bem possível que, nos momentos de desânimo e fraqueza, o genial *bulldog* que conduziu os Aliados à vitória de 1945 sentisse necessidade de um estímulo, e o procurasse na lembrança do velho Duque de Marlborough.

Grande Churchill! Que falta fazem homens como ele, nos medíocres tempos que estamos vivendo!

Frase a destacar: O povo americano cultiva seus heróis para sempre. No **Brasil, os verdadeiros heróis são frequentemente esquecidos e seus feitos, ignorados.**



O TENENTE PAIVA E A PREPARAÇÃO DA FEB – 1944

Transcrito pelo Gen Luiz Eduardo Rocha Paiva

(Segue um trecho de palestra de meu pai – Gen Ex Paulo Campos Paiva)

Vou narrar para os senhores o episódio de recrutamento (e transporte) de 500 homens, da Guarnição de Salvador (BA), até sua inclusão no Depósito da FEB em Caçapava (SP).

Chegada a ordem para o envio dos 500 homens, foram expedidas as determinações sobre o número de elementos que cada OM deveria fornecer a fim de alcançar aquele total, devendo ser dada prioridade aos voluntários.

O número estipulado não foi alcançado. Resultou que esse total foi composto não só com os melhores soldados como, também, com os da pior escória - elementos que procuravam cometer insubordinação para ficar sub-judice e, assim, fugir à guerra. Por outro lado, tivemos recruta-

mento de elementos sem as necessárias condições de higiene, que procuravam esconder problemas de saúde, visando patrioticamente seguir com a FEB.

O contingente de 500 homens foi embarcado num Ita, juntamente com 500 esteiras que se destinavam a sua dormida, podendo estendê-las no navio desde os porões até à cobertura. Quatro tenentes (a comando do Tenente Paiva), sendo dois da reserva, eram encarregados, junto com 14 graduados, de conduzir esse contingente a Caçapava (SP).

No primeiro dia, enquanto o navio estava no porto, já tínhamos a bordo sérios problemas disciplinares, fruto do jogo e de bebida que,

apesar da revista realizada, ainda assim, conseguiram introduzir a bordo. Organizada uma fração de PE, numa ação de surpresa, se coletou uma grande quantidade de facas e baralhos, que foram jogados no mar.

Tão logo o navio saiu do porto, as praças enjoaram e para se ter uma ideia, dos 500 homens, apenas 100 compareceram ao rancho.

Os senhores imaginem aqueles homens amontoados no chão do navio, no escuro e vomitando! Era uma segunda edição do “Navio Negroiro”.

À medida em que se passavam os dias, começou a causar receio o estado físico de um grupo de praças que passava tão mal e estava tão enfraquecido, por não conseguir se alimentar, que o próprio médico de bordo começou a se preocupar seriamente.

Numa tentativa de recuperá-los, foram colocados na parte mais alta do Ita, com a marmita de comida ao lado e com sentinela, para que não descessem de onde estavam. Os sambistas foram mandados fazer suas batucadas nessa parte do navio. O resultado foi surpreendente. Em pouco tempo haviam melhorado um pouco e começaram a se alimentar, resolvendo-se assim um sério problema. Vejam os senhores que o samba tem também propriedades terapêuticas.

(O Tenente Paulo Campos Paiva servia no 19º BC em Salvador mas, voluntário para a FEB, de Caçapava seguiu para o Rio, a fim de se apresentar no 1º RI e iniciar o adestramento).



A ALVORADA DO FRITZ

(Extraído do Livro Crônicas de Guerra do Ten Cel Olívio Gondim de Uzeda – Comandante do I Batalhão do 1º Regimento de Infantaria – O Glorioso Sampaio)

Transcrito por Gen Bda Ref Luiz Eduardo Rocha Paiva

Certa feita recebemos ordens de substituir com o nosso Batalhão o destemido Esquadrão de Reconhecimento sob o comando do bravo Capitão Pitaluga. O inverno já se avizinhava e nesse setor devíamos aguardar a primavera para o reinício de novas ofensivas. Ante isso o comando do Batalhão resolveu: colocar em linha duas companhias de fuzileiros (Cia Fzo); deixar em reserva a

restante; reforçar as companhias em linha com elementos de morteiros 81 mm, de metralhadoras pesadas e um canhão 57 AC; fechar os intervalos na linha de frente com minas e redes de arame; fazer periodicamente, a título de repouso, um rodízio entre a Cia reserva e uma das do 1º escalão. E assim foi realizado!

restante; reforçar as companhias em linha com elementos de morteiros 81 mm, de metralhadoras pesadas e um canhão 57 AC; fechar os intervalos na linha de frente com minas e redes de arame; fazer periodicamente, a título de repouso, um rodízio entre a Cia reserva e uma das do 1º escalão. E assim foi realizado!

restante; reforçar as companhias em linha com elementos de morteiros 81 mm, de metralhadoras pesadas e um canhão 57 AC; fechar os intervalos na linha de frente com minas e redes de arame; fazer periodicamente, a título de repouso, um rodízio entre a Cia reserva e uma das do 1º escalão. E assim foi realizado!

restante; reforçar as companhias em linha com elementos de morteiros 81 mm, de metralhadoras pesadas e um canhão 57 AC; fechar os intervalos na linha de frente com minas e redes de arame; fazer periodicamente, a título de repouso, um rodízio entre a Cia reserva e uma das do 1º escalão. E assim foi realizado!

restante; reforçar as companhias em linha com elementos de morteiros 81 mm, de metralhadoras pesadas e um canhão 57 AC; fechar os intervalos na linha de frente com minas e redes de arame; fazer periodicamente, a título de repouso, um rodízio entre a Cia reserva e uma das do 1º escalão. E assim foi realizado!

Entretanto, o *Fritz* não gostou muito da troca que lhe revelaram seus magníficos observatórios [dominantes] e nos bombardeavam de quando em vez, de preferência pela manhã e ao entardecer. Uma tarde, lançaram 494 granadas de artilharia num único pelotão da nossa companhia da direita. Por último, todo dia, às seis horas, os alemães traziam três tanques para o povoado de Pietra Colora que nos defrontava e “passava em revista” toda a nossa linha de frente. Quando pedíamos tiros à Artilharia já era tarde, eles tinham fugido.

Eis quando o comandante do Batalhão chama o 1º Ten Paulo Paiva [meu pai], destemido comandante do Pelotão de Canhões anticarro [eram os pesados canhões 57 AC sobre rodas], um apaixonado pela sua arma; diz-lhe que, a despeito do péssimo estado das estradas cobertas de neve, estreitas e com rampas fortíssimas e malgrado a observação inimiga, tornava-se mister a colocação de um canhão 57 nas primeiras linhas. O Tenente Paiva procurou e descobriu bois, construiu estradas e, sob o manto protetor da noite, cumpriu a missão. Fez mais, conseguiu dez granadas explosivas não sabemos onde. Em seguida, o comandante do batalhão disse ao Ten Paiva que sua missão era destruir os tanques de Pietra Colora na madrugada do dia seguinte. Fez mais, combinou com o dedicado Tenente Coronel Gorreta um

conjunto de tiros para o mesmo momento e distribuiu missão às metralhadoras e morteiros do Batalhão para a mesma hora.

Às 05:45h do dia seguinte, antes que os tanques iniciassem sua “brincadeira”, o batalhão fez um verdadeiro São João.

Não havia um ponto da frente alemã que não fosse contemplado com um tiro! O feitiço contra o feiticeiro. Nós é que fizemos a alvorada. Surgiram os tanques e o Sargento Azevedo comandante de uma peça de canhão 57 mandou-lhes uma rajada de granadas explosivas. Os tiros da Artilharia e dos morteiros eram absolutamente precisos. Alarmou-se o inimigo, julgando-se sob a preparação de um vultoso ataque a iniciar-se imediatamente. Desencadeou sua barragem, soltou uma série de sinais luminosos, movimentou-se e denunciou suas posições. As metralhadoras do batalhão caçavam os “super homens”. O canhão 57 atingiu um tanque. Desde então, o *Fritz* diminuiu seu entusiasmo. Nossas armas deixaram suas posições suplementares [para esta ação] e voltaram às posições principais. O comandante do Batalhão mandou para o Ten Cel Gorreta uma caixa de cigarros “Londres”, presente do Ten Gonçalves, como retribuição ao precioso auxílio da Artilharia.



FEB: VERÁS QUE UM FILHO TEU NÃO FOGE À LUTA

General da Reserva Luiz Eduardo Rocha Paiva

A II GM marcou o início da ascensão do Brasil no cenário global e a Força Expedicionária Brasileira (FEB) contribuiu para a nação perceber o quão importante era, para a segurança externa, tornar-se uma potência mundial, bem como para visualizar os desafios disso decorrentes e a importância do planejamento estratégico para o país se estruturar, organizar e progredir. As potências de então, não sem motivos, viam o Brasil como país periférico e subdesenvolvido e o perfil mestiço de nossa população era considerado, por preconceito, um fator de fraqueza do caráter nacional. Tinham um misto de benevolência e desprezo, calcados em sentimento de superioridade, inclusive racial, que não era exclusividade do arianismo alemão.

A FEB teve de vencer vários desafios e obstáculos como consequência:

- da demora em ser constituída e da indecisão dos EUA de transferir para tropa estrangeira equipamento, armamento e recursos necessários ao seu próprio Exército e aos de seus aliados já em operações;
- da falta de equipamento e armamento moderno para o adestramento da tropa ainda no Brasil, sendo eles disponibilizados somente na Itália e, por vezes, dias antes de nossas unidades entrarem em operações;
- do combate em TO montanhoso, cuja topografia favorecia à defesa, magistralmente conduzida pelo Exército Alemão, reconhecido pelos próprios aliados como o mais preparado e profissional do mundo;
- da entrada em operações sem preparação completa, substituindo dois Corpos de Exército

aliados, que estavam em combate há mais de um ano, e que foram transferidos para o TO francês;

- de receber uma frente de 15 Km, em que deveria defender e atacar, ou seja combinar dois tipos de atitudes operacionais, à época uma capacidade apenas de escalões superiores à Divisão de Exército, particularmente se de Infantaria à pé;

- da entrada em operações contra a poderosa Linha Gótica no início do inverno, quando as operações costumam se tornar estabilizadas em regiões de condições climáticas extremas, e após a ofensiva anglo-americana, para conquistar Bolonha, ter sido detida no restante de toda a frente; e

- de ser lançada contra o Monte Castelo em 29 de novembro e 12 de dezembro de 1944, pelo IVº Corpo de Exército dos EUA, sem proteção de flanco, sem apoio aéreo, em função das condições climáticas, e com efetivo inferior ao exigido pelo objetivo, como alertara o Comandante da FEB.

Em síntese, houve precipitação e erro de avaliação do comando aliado sobre o poder do inimigo, o valor defensivo do terreno, o efetivo necessário para os objetivos colimados e o momento para prosseguir com ações ofensivas.

Franceses, ingleses e americanos sofreram reveses quando seus exércitos sem experiência e ainda não preparados foram batidos em Dunquerque, na França; Passo Kasserine, na Tunísia; na defesa das Filipinas; e no Sudeste da Ásia entre 1939 e o início de 1943. Derrotas contundentes e não reveses controlados como os da FEB em Monte Castelo.

No Brasil, a falta de conhecimento militar e de bom senso, o revisionismo ideológico da história e a estranha mania de alguns escritores e historiadores denegrirem as glórias da Pátria e de seus verdadeiros heróis resultaram em retratarem a FEB de forma injusta e distorcida.

Enfatizaram os reveses iniciais, quando ela ainda era uma força inexperiente, mas omitiram ou minimizaram as vitórias obtidas dois meses depois, quando a FEB já adquirira experiência na frente de combate. Valorizaram apenas fontes externas e desprezaram o testemunho dos irmãos brasileiros, inclusive dos nossos correspondentes de guerra, testemunhas oculares que acompanharam a FEB. Há os que destacaram de forma negativa, maldosamente ou por ignorância sobre doutrina militar, o fato de ela não ter cumprido um papel decisivo na derrota da Alemanha.

Ora, a FEB era apenas uma das 69 divisões aliadas na Europa Ocidental, sendo uma das divisões do IVº Corpo de Exército dos EUA. Cumpriu

tarefas de acordo com sua natureza de tropa a pé (não era blindada) e conquistou objetivos importantes para o êxito daquele Corpo de Exército. Seu papel era eminentemente tático e não estratégico, como não poderia deixar de ser. Superou suas deficiências em combates diretos com o inimigo na linha de frente, em dezembro de 1944 e janeiro de 1945, e não em campos de adestramento na retaguarda.

Após a tomada do Monte Castelo, começou a se destacar entre as forças aliadas na Itália e vieram as sucessivas vitórias de La Serra, Castelnuovo, Montese, Zocca e Fornovo.

Celebrar essas vitórias não é mero ufanismo, infelizes detratores da FEB, carentes de sentimento nacional.

É um dever de justiça para com nossos Pracinhas e de valorização do civismo, autoestima, autoconfiança e patriotismo, sem o que uma nação não sobrevive. Houve sim erros, que devem ser estudados, mas nada destoante do que aconteceu com as forças de todos os países, aliados ou do Eixo, em diversas operações.

A honestidade de propósitos se revelaria em apontar esses erros desde que, também, se destacassem os acertos e as vitórias, que foram incontestáveis momentos de glória para o Exército e o Brasil.

Como força de nível tático, a história da FEB foi escrita, principalmente, pelas pequenas e médias frações e unidades. Sargentos, tenentes, capitães e comandantes de unidades mostraram o valor do soldado brasileiro no maior desafio do combatente.

A hora da verdade de enfrentar o fogo inimigo com equilíbrio emocional, competência e coragem.

Os brasileiros que amam a Pátria jamais esquecerão seus Pracinhas e os terão sempre como exemplos, particularmente os irmãos de armas, conscientes de que pertencer ao Exército de Caxias é uma grande honra e motivo de orgulho e felicidade.

É ter uma sublime missão e uma nobre razão de viver.



(continua)

ATIVIDADES DA FEB/1ª DIE NO PERÍODO 20 A 28 Fev 45

(Fonte: Giorgis, Luiz Ernani Caminha. O Dia a Dia da FEB na 2ª Guerra Mundial. Porto Alegre: Renascença, 2015)

20 Fev – Pela manhã, o Gen Mascarenhas chega a C. Gabelle, a quatro Km de Monte Castello, onde instala o seu PO para o ataque.

- Ao clarear da manhã (0530 h): conquista dos Montes Belvedere e Gorgolesco, este às 0600 h, com sérias dificuldades em face dos contra-ataques, pela 10ª DMth NA. O inimigo esgotou as suas reservas nestas ações. Para a conquista de Gorgolesco houve o concurso de CC e de Art, inclusive a do Gen Cordeiro de Farias. Às 1537 h, os NA cerram sobre a linha Cota 1053-Mazzancana-Cappela de Ronchidos. Os aviões da FAB arrasam a resistência alemã em Mazzancana, preparando a ação de ataque ao Monte Castello no dia seguinte.

- Mazzancana foi conquistada às 1700 h, o que muito facilitou o ataque brasileiro. Ficou aberta a via de acesso a Monte Castello.

- Às 1000 h começou a ação diversionária do II/11º RI (Ramagem) no chamado Corredor de Abetaia.

- Às 1530 h começaram as ações previstas na OGO nº 20/DIE, ou seja, ultrapassar os americanos em Mazzancana e partir para o objetivo nº 1: Cota 875-Fornace.

- Entre 1700 e 1800 h o I Btl (Uzeda) e o III Btl (Franklin) do 1º RI tomaram o dispositivo de ataque (Brayner, 1968, p. 354). Às 1730 h o III/1º RI desloca-se para a ZReu em Gambaiana-Le Roncole-Cá di Berto. À noite, o Cel Caiado de Castro solicita autorização para antecipar o ataque, tendo em vista a informação (falsa) de que os alemães estariam abandonando Monte Castello; não foi autorizado.

- A OPO nº 33 determina ao 1º RI a substituição da 10ª DMth às 2000 h em Mazzancana.

- O Complemento nº 4 da OGO nº 20 fixa o ataque para as 0530 h de 21 Fev (Brayner, 1968, p. 364).

- Os batalhões do 1º escalão de ataque ocupam, de 2330 h de 20 às 0350 h de 21, as regiões de C. Vitelline, Ponto 744, Ponto 779, Ponto 718 e Fornace em preparação para o ataque do dia seguinte.

- O II/1º RI (Maj Syzeno) ocupa La Grilla.

- Morre o padre Antônio Álvares da Silva, Frei Orlando, capelão do 11º RI, em lamentável acidente de tiro protagonizado por um partigiani em Bombiana (Castello Branco, 1965, p. 346).

- Assume o comando de um Pel Fzo e Guanella, sopé do Monte Castello, o então Asp Francisco Mega.

21 Fev - Terceiro ataque brasileiro a Monte Castello, a partir da linha Mazzancana-Corazza-Gambaiana-Le Roncole às 0530 h. Ao mesmo tempo, os norte-americanos atacam Monte Della Torraccia.

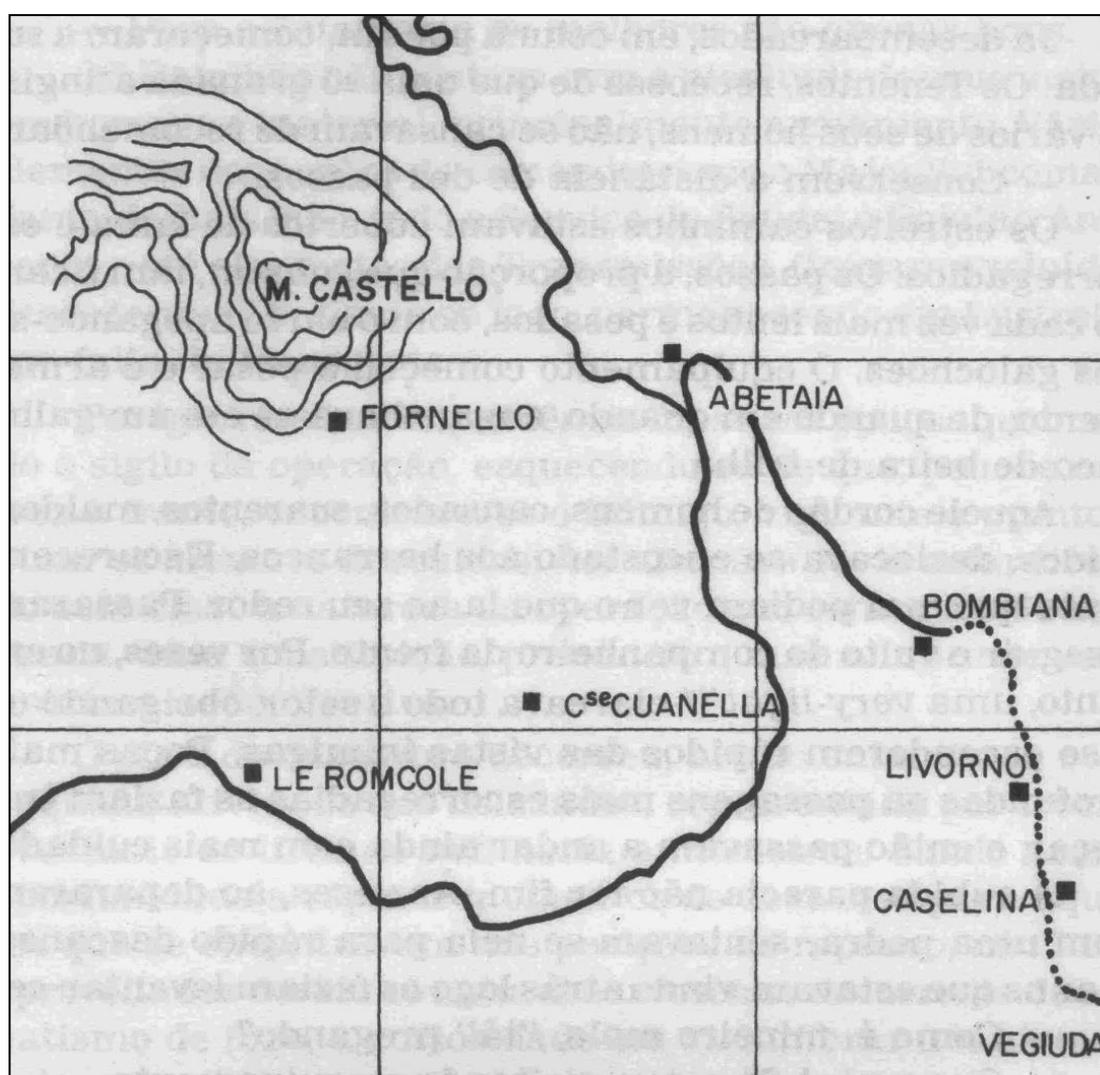
- Conquista de Monte Castello por ação do 1º RI - Regimento Sampaio, do II/11º RI (Maj Ramagem), toda a Art/1ª DIE, duas companhias do 9º BE e do Esqd Rec. O apoio aéreo foi da FAB através do 1º Grupo de Caça sob o controle do Cel Nero Moura. Com esta conquista os brasileiros

“prosseguiam pelo Norte do rio Marano até atingir a linha Roncovecchio-Seneveglia, o que assinalaria o término da 1ª fase” (Moraes, 1947, p. 136).

- A 1ª Cia do 9º Btl de Engenharia da FEB consegue levantar do terreno do ataque 169 minas de diversos tipos e 51 armadilhas diver-sas. A 2ª Cia apoiou o ataque do II/11º RI levantando minas e arma-dilhas no eixo Falfare-Abetaia e mantendo as estradas em pleno trá-fego. A 3ª Cia construiu uma ponte Bailey em La Grilla e outra em Gambaiana. A Cia A do 235º Batalhão de Engenharia NA construiu uma ponte Bailey em Crociale e a 1029 Cia Tw cumpriu suas construções de pontes Bailey com extraordinária precisão. O 9º BE perdeu o Sgt Luiz Ribeiro Pires em Abetaia, heroicamente tombado (Simões, 1967, p. 115).

- Descrição do ataque:

- Ação principal: 1º RI, na direção Gaggio Montano-Monte Castello-La Serra com o ataque frontal, pelo centro, a cargo do III Btl (Ten Cel Emilio Rodrigues Franklin) e suas 7ª, 8ª e 9ª Cias Fzo. Pelo flanco esquerdo o I Btl (Uzeda). Este, teve a missão de conquistar Fornace. Suas Cia Fzo eram comandadas: a 1ª, pelo Cap Everaldo José da Silva; a 2ª, pelo Cap Edson Ramalho; e a 3ª, pelo Cap Yeddo Jacob Blauth. Reserva do 1º RI: II Btl - Btl Syzeno Ramos Sarmiento, com as suas Cias Fzo 4ª, 5ª e 6ª.
- Ação secundária: II/11º RI. Reserva: II/1º RI. Reserva divisionária: III/11º RI.
- Às 1430 h o Btl Uzeda conquistava as cotas 930 e 875, ultra-passando as posições inimigas de Congé. Neste mesmo horário, depois de ter ficado detido em sua ZAç, o Btl Franklin conquistou Fornello. Enquanto isso, o Btl Ramagem atuava em Abetaia.
- Por volta de 1500 h uma Cia Fzo norte-americana abriu fogo por engano contra uma Cia Fzo do I/1º RI matando um soldado brasileiro.
- Às 1720 h “a defesa inimiga entrou em colapso” (Moraes, 1947, p. 141). A 10ª DMth não consegue tomar Monte della Torraccia.
- O Btl Uzeda foi o primeiro batalhão a chegar ao cume de Monte Castello às 1800 h através do Pelotão do Ten Aquino, da 1ª Cia Fzo (I Btl), juntamente com a Cia Waldir do Btl Franklin. “A conquista se efetuara pelo desbordamento” (Uzeda, 1952, p. 112).



Região de Monte Castello (Fonte: Almeida, 1985, p. 65).

- Imediatamente foram realizadas as operações de limpeza e o 1º RI entrou em posição defensiva. Uma parte do efetivo alemão retraiu, outra parte morreu e outra se entregou como PG.
- Conforme o Gen Ventura, as primeiras tropas a alcançar o cimo de Monte Castello às 1800 h foram uma Cia Fzo (Cap Everaldo) do I/1º RI (Btl Uzeda) e outra (Cap Paulo de Carvalho) do III/1º RI (Btl

22 Fev - Por volta de 0230 h o baluarte de Abetaia era dominado pelo II/11º RI (Btl Ramagem). Os norte-americanos conseguem con-quistar Monte Della Torraccia com a cooperação e o apoio de fogo da 1ª DIE. O inimigo não conseguiu contra-atacar, sendo que duas Cias do RI 1.043 simplesmente debandaram em face da “superioridade material” dos NA e brasileiros (Waack, 2015, p. 233).

- Ao Btl Franklin do 1º RI é expedida a ordem de lançar Postos Avançados (PA) entre as posições conquistadas e as inimigas, ou seja, em La Serra e cota 958. Para isso, o Btl ocupa Monte della Caselina com o Pel do Ten Bordeaux (Carvalho, 1952, p. 113).

- Nesta jornada, “buscando dar sepultura condigna aos nossos mortos, o Reverendo Soren, do Sampaio, iria desvendar o impressionante quadro, macabro e heroico, dos '17 de Abetaia” (Idem).

- O Gen Crittenberger elogia por escrito em documento oficial o Cmt e todos os oficiais e praças da 1ª DIE pela conquista do maciço Belvedere-Castello.

- Chegada a Nápoles do navio que transportou o 5º Escalão de Em-barque, completando assim os 25.445 integrantes de toda a FEB. Este pessoal é transferido para Staffoli. Do total da FEB, 15 mil eram combatentes e o restante tropas de apoio logístico/administrativo e Depósito de Pessoal.

- Em todas as viagens do Brasil para a Itália os navios-transporte foram escoltados por belonaves brasileiras e norte-americanas.

23 Fev - Passagem de comando do 6º RI do Cel João Segadas Viana para o Cel Nelson de Mello por motivo de saúde do primeiro. Segundo uma outra versão, esta substituição foi

“em cumprimento à orientação ministerial que determinava a substituição progressiva dos oficiais que já tivessem mais de seis meses de campanha na Itália para proporcionar experiência de guerra a outros oficiais” (CPDoc/FGV).

- A OPO nº 34 determina a conquista do triângulo de elevações Bella Vista-Cota 958-La Serra, encarregando o 1º RI da ação principal através do seu II Btl (Btl Sizeno) tendo a cobertura, pelo flanco direito, do II/11º RI (Btl Ramagem).

23/24 Fev - Ataque e conquista de La Serra - Cota 958 e Bella Vista por ação do II/1º RI (Sizeno) e do II/11º RI (Ramagem) a partir das 2115 h. Às 2300 h a 6ª/II/1º RI, **em ataque noturno**, conquistou as alturas de Cota 958 e às 2400 h foi a vez de La Serra. Às 1230 h as operações de limpeza estavam concluídas (Castello Branco, 1965, p. 374). Destacaram-se, além da 6ª Cia do II Btl, sob o comando do Cap Wolfgang Teixeira de Mendonça como um todo, os tenentes Apollo, Urias, Chaon e Deschamps pela bravura e destemor. Conforme o ex- Presidente do CNOR 2º Ten R/2 Art da Tu 1961 do CPOR/RJ Sérgio Pinto Monteiro sobre o Ten Apollo:

Atuando em apoio à 10ª Divisão de Montanha NA no ataque a La Serra - Cota 958, o Pel do 1º Ten R/2 Inf Apollo Miguel Rezk (6ª/II/1º RI), após ultrapassar um extenso campo minado, atacou as posições fortificadas alemãs. Apesar do intenso fogo inimigo - Art, Mtr e Mrt - o pelotão alcança o objetivo, investe contra a posição e nela se instala, conquistando-a e fazendo prisioneiros. Ferido, o Tenente Apollo manteve o comando e repeliu três contra-ataques, infligindo pesadas perdas ao inimigo. Por esta missão, ele foi condecorado pelo governo americano com a “Distinguished-Service Cross”, por “extraordinário heroísmo em ação, distinção máxima somente concedida a este combatente brasileiro”. Anteriormente, graças ao seu desempenho no ataque a Monte Castelo, em 12 Dez 44, o Tenente Apollo já tinha sido agraciado pelos Estados Unidos com a “Silver Star”. Do governo brasileiro recebeu a Cruz de Combate de 1ª Classe, a Medalha de Sangue, a Medalha de Campanha e a Medalha de Guerra. Os feitos do Tenente Apollo ultrapassaram os limites de sua existência física. Na verdade, já não mais lhe pertenciam quando, na madrugada de 21 de janeiro de 1999, aos 81 anos, foi vencido pelo inexorável.

24 Fev - Com a vitória brasileira em La Serra: conquista de Monte Della Torraccia pela 10ª Divisão de Montanha NA na parte da tarde (Moraes, 1969, p. 252).

- Sucessivos contra-ataques inimigos para a recomposição das suas posições foram repelidos na madrugada pelas guarnições brasileiras de Monte della Torraccia, La Serra e Cota 958.
- Tentativa de infiltração inimiga pelo vale do rio Marano contida ao amanhecer (Brayner, 1968, p. 371). Os alemães retraem para a Linha Gengis Khan, a última linha de alturas dos Apeninos (Rosty, 2015, p. 70).
- A 1ª DIE expede Diretriz para as futuras operações enfatizando o vigor físico e as condições técnicas e táticas para a tropa.

25 Fev - Com a atuação do I (Uzeda) e do II Btl (Sizeno) do 1º RI, a 1ª DIE passa a dominar a linha Roncovecchio-Seneveglio. Fim da 1ª fase do Plano Encore e a prescrição de novas missões, principalmente Castelnuovo di Vergato e Montese.

- Às 0335 h, sem sucesso, o inimigo contra-ataca fortemente as posições brasileiras em La Serra. Novo contra-ataque foi realizado ao amanhecer, sendo repelido por volta de 1000 h. Nesta ação, foi ferido o Ten Apolo (6ª Cia/II), sendo substituído pelo Sgt Schultz que, pela sua atuação, foi promovido a 2º Tenente (Carvalho, 1952, p. 117).

26 Fev - A 5ª/II/1º RI ocupa a Cota 884, próxima a La Serra. Começa a operação de limpeza do vale do rio Marano que vai até 1º de março.

27 Fev - O Destacamento Olivier¹ e o 1º RI substituem a 10ª DMth na linha Monte Serasiccia-Monte della Torraccia (Castello Branco, 1965, p. 376). O Cmt do 1º RI ocupa o seu PC em Il Palazzo.

28 Fev - Chegada a Livorno do 5º Escalão de Embarque, constituído pelo Centro de Reacompanhamento de Pessoal.

- Aprovação oficial da Canção dos Expedicionários, de autoria de Alda Caminha (música) e de Luiz Peixoto (letra) pelo Aviso Ministerial 520 desta data. A primeira estrofe é a seguinte:

*Enquanto pelos campos de Batalha
Alta tremular nossa bandeira
Com fé eu lutarei, a vida arriscarei,
E o inimigo sem temor
Esmagarei...*

Entretanto, a Canção que foi aprovada pelos febianos foi a lançada em disco em outubro de 1944, com música do maestro Spartaco Rossi e poema de Guilherme de Almeida, que começa com “Você sabe de onde eu venho?” - *Venho do morro, do engenho*”...

- A OGO nº 21 estabelece o dispositivo defensivo da DIE com um setor destinado ao 6º RI, um Quartelão-Centro com o II/11º RI (Ramagem) e um Grupamento Oeste sob o comando, a partir desta data, do Gen Zenóbio, formado pelo 1º RI, III/11º RI (O Lapa Azul), 1º Esqd Rec e a CAC/1º RI.

¹ Destacamento do Major Júlio Maximiano Ollivier Filho, do 1º RI, composto pelo Esqd Rec, 1ª/I/11º RI e Cias Can AC dos 1º e 11º RI, mais 450 “partigiani”, o qual teve a missão de defender um dos pontos de maior responsabilidade da frente da 1ª DIE, no qual rechaçou três fortes ataques alemães apoiados por Artilharia e Morteiros, fato que lhe valeu uma citação e elogio por bravura (Bento; Giorgis, 2001, p. 63).



Acesse os textos “Camisas Perdidas” e “Jogando com o destino” do Cel Cláudio Frederico Vogt pelo www.escritorcfvogt.blogspot.com.br



LANÇAMENTO DO LIVRO “RAÍZES DO EXÉRCITO BRASILEIRO” NA AMAN

Em 20 de fevereiro passado, no Auditório General Médici (AGM) da Academia Militar das Agulhas Negras, a partir das 1100 horas, houve o lançamento da obra citada no título.

Cada cadete do 1º ano da AMAN, total de 476, recebeu gratuitamente um exemplar do livro, que foi financiado pelo Grêmio Beneficente de Oficiais do Exército (GBOEx).

Um dos autores da obra, o Cel Luiz Ernani Caminha Giorgis, autografou mais de 40 livros para os cadetes, na impossibilidade de autografar todos eles.

Antes da Sessão de Autógrafos, dirigiram-se aos cadetes o Cel Carlos Roberto Peres, o Cel Mesias (Chefe da Divisão de Ensino) e o Cel Caminha. Estava presente o Cel Cláudio Moreira Bento.

Abaixo, imagens do evento.



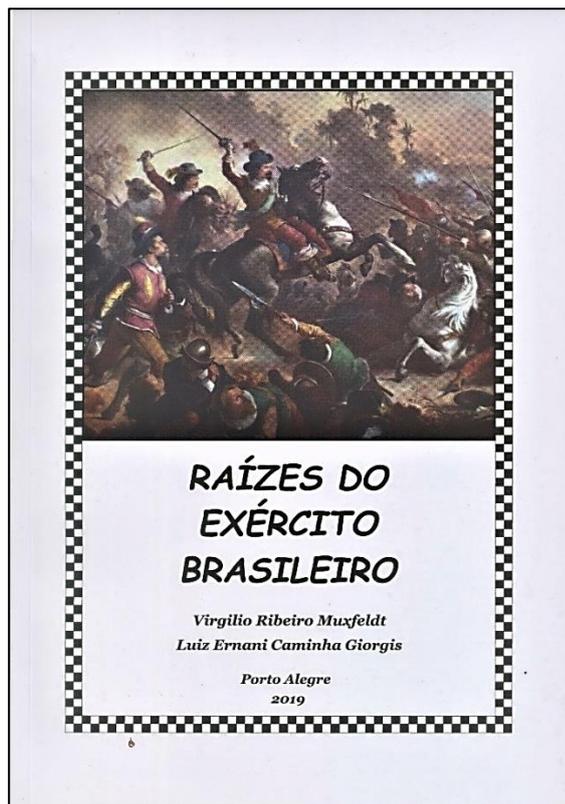
O Cel Caminha apresentando o livro



Visão do Auditório, com os cadetes



Sessão de Autógrafos, no saguão do Auditório



1ª capa do livro

Editor:

Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)

Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br

Site do Núcleo Militar de Gramado: www.nuclev.com

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historia-patriota.blogspot.com/>.